

# A Árvore: a difícil elaboração do processo de luto

## “The Tree” movie: the difficulties passing through the mourning process

Elaine Gomes dos Reis Alves\*

127

Debate sobre Filme • Debate on Film  
O Mundo da Saúde, São Paulo - 2012;36(1):127-132

O filme “A Árvore”, dirigido por Julie Bertuccelli e roteirizado por ela com Elizabeth J. Mars e Judy Pascoe. Elenco: Charlotte Gainsbourg, Morgana Davies, Marton Csokas, Christian Byers, Tom Russel. Austrália/ França – 2010.

O filme, baseado no romance *Our Father Who are inter the Tree* (Pai Nosso que Está na Árvore), do escritor australiano Judy Pascoe, trata de um drama sobre perdas, luto e recomeçar.

Um casal (Petter e Downnie) e quatro filhos (Tim, Lou, Simone e Charlie) vivem tranquilamente em uma pequena aldeia na Austrália, até que o pai morre de um ataque cardíaco. Down e seus filhos têm que enfrentar a falta de Petter e aprender a viver sem ele.

A árvore, peça-chave do filme, uma Moreton Bay Fig gigante, ou *Ficus macrophylla*, também conhecida como Figueira-da-Austrália ou Figueira Estranguladora, da família Moraceae, é nativa da costa leste da Austrália. Famosa por suas belas raízes e por danificar calçadas, tem frutos comestíveis e semelhantes aos figos, embora menores.

A escolha dessa árvore não é por acaso. Ela tem a função de representar a morte e o luto, que também é gigante, estrangulador, invade a casa e a vida das pessoas que nela vivem, danifica a rotina, planos, sonhos e a sensação de felicidade e bem-estar. Causa entupimentos e derruba estruturas. Faz sombra à saúde e pode ser perigoso ao relacionamento entre pessoas.

Essa árvore, frondosa, fica no quintal e ao lado da casa da família. Simone, a filha de oito

anos, acredita que o espírito do pai esteja nela e, na necessidade de sentir a presença de Petter, a vida da família passa a girar em torno da árvore. O filme é repleto de metáforas sobre o luto.

O filme começa com o casal Petter e Down fazendo planos para o futuro. Downnie cai da rede e finge-se de morta em uma brincadeira para assustar o marido; ele se desespera e ela se diverte. A cena retrata um casal comum, conversando na varanda da casa enquanto os filhos dormem. Nessa família, enquanto o pai se ausenta para o sustento da família, a mãe cuida dos filhos e da casa.

No dia seguinte, Petter, que trabalha com transporte pesado, junto com um amigo vai buscar uma casa. A cena de um caminhão transportando uma casa inteira pelas estradas do interior da Austrália já traz a primeira metáfora para reflexão: enquanto ele carrega uma casa em movimento como representação da vida e de sonhos que podem se mover de um lado para outro, na sequência, sua família ficará presa na própria casa às voltas com a imobilidade imposta pela morte e sofrimento.

Na volta do trabalho, Down liga para Petter e pede que vá buscar a filha Simone (8 anos), que está com a amiga. Ao chegar, encontra as meninas brincando sob os trilhos do trem. O desafio da brincadeira é suportar o medo e ficar olhando o trem passar sobre elas, como se vencessem a sensação de morrer. Petter fica nervoso quando vê e começa chamar a atenção da filha. Simone

\* Psicóloga Clínica. Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pelo Instituto de Psicologia USP. Mestre em Bioética pela Faculdade de Odontologia da USP. Membro do Laboratório de Estudos Sobre a Morte do Instituto de Psicologia USP (LEM-IPUSP). Membro do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Faculdade de Odontologia da USP. E-mail: elainegraves@gmail.com

corre para ele ignorando as palavras do pai e, interessada no relógio dele, que seria seu presente de aniversário, promete não fazer mais aquilo. Em uma demonstração de poder para a amiga, seduz o pai e ganha o relógio, que ela carregará consigo como significativa lembrança.

Com as meninas na caçamba da camionete, Petter deixa a amiga de Simone e segue para casa. No caminho, tem um infarto fulminante e morre. Simone pensa que o pai está brincando e se diverte com as curvas que o carro faz, até que o vê que caído no banco.

O carro bate na árvore do quintal da casa deles e o irmão Lou, que estava na árvore, pula imediatamente no carro e, pelo para-brisa, e em silêncio, acompanha tudo. Simone grita pela mãe e todos correm até o carro. Tim, o filho mais velho, quer tirar o pai do carro. A mãe tenta massagem. A câmera se afasta e, ao longe, se ouve um grito. A morte se impõe!

Daí em diante, o luto de Simone se torna o tema central do filme. Ela tenta compartilhar, dividir e dominar a situação conforme seus sentimentos. Se a menina conseguisse impor seus sentimentos e atitudes sobre sua família, provavelmente se perderia o processo de luto normal e se avançaria para um luto complicado. Se ela vence, perde-se o processo de luto normal e avança-se para um processo de luto complicado.

O luto não é doença, é um processo com começo, meio e fim, absolutamente necessário para que pessoas que perdem um ente querido sejam capazes de se restabelecer. Na falta desse processo, pode se instalar o “luto complicado”, e esse, sim, necessita de cuidados psicológicos e médicos.

No velório, Simone estranha o fato de ninguém estar chorando a morte de seu pai, e a amiga a consola dizendo: “É assim que os adultos ficam tristes”, uma demonstração de que as crianças percebem que adultos têm dificuldades de falar e mostrar os sentimentos. De modo geral, adultos acreditam que não há necessidade de se falar sobre a morte com as crianças por elas não entenderem, ou esquecerem rapidamente. Esse é um mito perigoso. As crianças percebem tudo o que acontece à sua volta, principalmente pelo movimento diferente na rotina da casa e pelas expressões das pessoas. Não saber o que

acontece gera angústia, insegurança, medo e sofrimento. É preciso contar que a pessoa morreu e, principalmente, que nunca mais poderá vê-la ou falar com ela, mas que ainda é possível se despedir. Importante explicar para a criança onde e como a pessoa está (em uma “caixa” bonita, enfeitada com flores; parece que está dormindo, etc.), que a criança pode falar o que quiser para ela e dizer adeus, pois é a última vez que se encontram. Na forma concreta de ser humano, não poderão mais se encontrar, abraçar, ouvir, e, se isso não for dito, a criança pode ficar esperando a pessoa voltar, o que, além de não ser saudável, pode colocar a vida da criança em risco. Também é preciso tomar cuidado com metáforas, como: “está dormindo”; “está descansando”; “foi viajar”; “está com o papai do céu”, etc. As crianças podem passar a ter medo (terror mesmo) de dormir, descansar, viajar; podem querer salvar a pessoa querida do *papai do céu* e, acreditando ser um super-herói, por exemplo, correr risco de morrer também. Quando não se conta nada para as crianças, é comum vê-las esperando ou procurando insistentemente em todo lugar, gerando um sofrimento insuportável. A verdade dói, mas é o melhor caminho, e as crianças têm recursos para enfrentamento.

A religião pode e deve ser utilizada, mas só depois da informação de que a pessoa morreu e de que a morte é irreversível. É importante destacar que a religião a ser utilizada é a de quem sofre e não a de quem consola.

No filme, ainda no velório, Down se afasta para não ouvir o que as pessoas falam e não se despede de ninguém; sua mãe tenta levá-la de volta ao velório, mas ela diz que não consegue.

Após o enterro, cada um à sua maneira busca pelo pai e luta para mantê-lo vivo/presente na rotina da família. À medida que a família tenta retomar a vida, Simone impõe a presença do pai e cobra tristeza.

O processo de luto implica reconhecer e aceitar a realidade e experimentar e lidar com as emoções resultantes da perda. Tais mudanças dependem de condições que podem favorecer e/ou prejudicar a elaboração dessa perda e, portanto, demandam tempo. Trata-se de um tempo interno e não de um tempo estipulado. O luto é único, singular e individual. Não existe um tempo espe-

cífico para seu término, cada pessoa fica de luto à sua maneira e durante o tempo que precisar para elaborar a perda e voltar a fazer planos sem a pessoa que morreu.

Down, a mãe, se entrega completamente à tristeza durante dois meses. Não quer levantar da cama e entrar em contato com a realidade. Os filhos cuidam dela. Simone a lembra de que prometeu ficar boa “hoje”. A menina escolhe a roupa para a mãe, penteia-lhe os cabelos, ajuda a trocá-la e a beija, faz carinhos. Desorganizada, a mãe tem um ataque de raiva quando tenta trocar a roupa do filho caçula, que, também em sofrimento, faz birra e não larga um brinquedo. Briga com os filhos e ameaça a partir sem eles, castigando-os por sua perda, sem se dar conta de que eles também sofrem. Depois, chora copiosamente a morte do marido.

Tim, o filho mais velho, coloca sua raiva na mãe por ela abandonar tudo e não cuidar deles. Toma conta das necessidades da casa e da família (“mãe, o jantar está pronto. Chame seus filhos.”); faz lista do que falta e cobra da mãe a ida ao supermercado (“quando mãe, quando?”). “Incorpora” o pai e tenta ocupar seu lugar: bebe uísque do e como o pai; apaga a voz do pai da secretária eletrônica e troca a mensagem deixada por ele; diz para a mãe o que deve ser feito e procura emprego para ajudar nas despesas da casa.

Tim se aborrece com a dependência da mãe e tenta mostrar a ela que agora são só eles, que não é possível chamar um tio que está a milhas de distância e nem esperar que ele, por ser o filho mais velho, tome as providências por ela. Tim quer que ela volte a ser “a mãe”, a protetora, cuidadora e, agora, também a provedora.

Desesperado, Tim acredita que precisa ajudar nas despesas da casa e procura emprego com um amigo da família. Em uma das cenas mais bonitas e delicadas do filme, Tim se sente acolhido. O amigo não só o aceita para trabalhar, como também aceita todas as possibilidades de Tim e ainda pede que ele fale com a mãe e avise quando pode começar. Esse amigo entende que o momento é apenas para ouvir, aceitar e mostrar que está junto dele para o que precisar. Tal atitude fortalece Tim e o deixa feliz.

Lou, o segundo filho, estava na árvore quando o pai morreu. No início do filme, tem cabelos

compridos e um aspecto bastante infantil. Depois da morte do pai, corta os cabelos e ganha um ar mais adulto, mais amadurecido, deixando claro que a morte obriga o amadurecimento. Enfrenta seu luto de forma mais quieta e introvertida. Assiste calado ao movimento da família e não diz como se sente. Quieto e sem ser percebido, vai cuidando de todos.

Charlie, o caçula, desde o enterro fica com uma fantasia de caveira, uma metáfora de que as crianças são concretas e em uma casa onde cada um está sozinho com seu sofrimento, vestir a roupa da morte é uma tentativa de compreender o que aconteceu com a família. Ele deixa de falar depois da morte do pai e passa o tempo martelando coisas, como se as estivesse consertando (atividade masculina adulta). Simone é quem cuida dele. Deixar de falar e uma cena de *birra* com a mãe, em que não quer soltar um brinquedo para trocar de roupa, mostram que as crianças, em qualquer idade, são afetadas pela morte e também necessitam de atenção e cuidados. No final do filme, ele compreende o que aconteceu com o pai, o que é a morte e, em uma situação de perigo, volta a falar: “mamãe, eu não quero morrer.”. Simone: “Como ele conseguiu sair (do luto)?”. Mãe: “cada um no seu tempo”, deixando claro que todos serão capazes de elaborar a perda e voltar à vida. Charlie levará a falta do pai consigo para o resto da vida, mas, por ser muito jovem, emergiu do luto primeiro e mostrou à Simone que é possível.

Simone, de personalidade forte, tem oito anos quando perde o pai. O filme gira em torno do relacionamento dela com a mãe. É a personagem central. Ela acredita que todos deveriam sentir a dor como ela sente e, se não é assim, é porque eles não se importam nem com a morte do pai, nem com o fato de Charlie ter parado de falar. Simone tenta impor seus sentimentos à família e tenta ditar como cada um deve agir, principalmente sua mãe. Ela quer que todos continuem a viver como se o pai continuasse lá e, simbolicamente, o coloca na árvore de forma tão intensa, que leva toda família a querer acreditar.

Em uma visita da família ao cemitério, Simone observa formigas saindo do túmulo de Petter. Mais tarde, ao subir na árvore, nota que há formigas iguais àquelas e, acreditando que podem

levá-la até seu pai, segue-as para saber aonde vão. Percebe os movimentos dos galhos ao vento como o pai falando com ela e acredita que a alma dele está na árvore, o que a deixa feliz. Conta para a mãe, que entende ser uma fantasia da filha e a princípio não dá muita importância, mas também precisa acreditar naquilo.

Da árvore, como se estivesse no colo de seu pai, Simone vê o mundo, sua família, a estrada, os vizinhos (observa seu vizinho conversando com o pai). Na árvore, ela pode ter o pai e conversar com ele sobre a família, amigos, escola; faz lição e acredita que ele a ajuda em suas dúvidas. Aos poucos, leva objetos dele e seus para a árvore e a enfeita. Faz sua casa na árvore (nos braços do pai) e passa a viver lá (dorme inclusive).

Simone conta seu segredo para a amiga e diz que está muito feliz, mas a amiga responde que o pai não deve ser feliz em uma árvore, preso para sempre sem poder ir a outros lugares. Isso faz a menina pensar se a imobilidade é uma coisa boa. Simone entende, mas sofre ao cair em si de que precisa deixar o pai partir: “Quão grande é uma alma?”.

A partir de Simone, toda a família passa a procurar, cuidar e homenagear o pai na árvore, e a vida da família passa a girar em torno dela, na tentativa de sobreviver à dor. Fica claro o movimento de negação da morte: a árvore mantém Petter vivo. Cuidar da árvore evita o enfrentamento da morte. Ao mesmo tempo em que a falta se impõe, há uma resistência à morte. A família se desgasta na tentativa de manter o pai vivo. Simone não quer sair da árvore, sabe que fora dela terá que enfrentar a dura realidade.

A mãe também passa a procurar o marido na árvore e, à noite, vai até lá para conversar sobre os filhos e outras preocupações, assim também nega a solidão. É em um momento de muito medo que se dá conta de sua viuvez: quando um morcego entra na cozinha e ela tem que enfrentá-lo sozinho, apesar do medo. Não tem para quem pedir ajuda e ninguém para protegê-la.

Mãe e filhos não conversam sobre o pai, a falta ou como cada um se sente. A dor é solitária, exatamente como na maioria das famílias enlutadas. As pessoas não conversam, na ilusão de não deixar o outro triste e também para não concretizar a morte. A tristeza e a dor estão instaladas

naquela casa, não há como fugir dela ou impedir que alguém a sinta. Melhor chorar junto do que sozinho. Não diminui a dor, mas a suaviza. Falar e estar junto facilita o processo.

A família desnutrida se alimenta da árvore, e a árvore desnutrida se alimenta da água (vida) da família, como se um buscasse ao outro. A família está travada. A casa fica travada por meio de entupimentos, provocados pela árvore (morte).

Lou observa calado a árvore, a mãe e a irmã à distância. Pesquisa a árvore detalhadamente pela internet e só se aproxima dela à noite, sem que ninguém o veja. Toca guitarra para o pai, molha a árvore no período de seca, para que ela não sofra e nem morra, e chega a adubá-la para fortalecê-la. Quantas coisas pessoas enlutadas fazem escondidas para não parecerem loucas ou ridículas? Porém, aquilo que fazem as consola e favorece o processo de luto. A dor traz necessidades que só quem sente ou já sentiu conhece; não cabem julgamentos.

Oito meses depois da morte do marido (quase uma gestação), quando já se sente mais fortalecida, Downnie vai trabalhar e, ao sair da segurança de seu lar, enfrenta o preconceito/julgamento social. Ao dizer para o futuro empregador, George, que nunca trabalhou porque o marido ganhava o suficiente, ele conclui que ela é divorciada e fica constrangido quando Down diz que “ele morreu!”.

O trabalho não é só pelo dinheiro, mas para sentir-se viva, trazer dignidade e ocupar a mente, uma tentativa de sobreviver à loucura. Down se sente feliz, com uma sensação de recomeço. A saudade do marido, a solidão, a necessidade de sentir-se protegida, cuidada e amada faz com que, aos poucos, se envolva com George, mas sente-se culpada e, ao voltar para casa, foge da árvore (corre dela e fecha a cortina para não ver e não ser vista) e chora – como se estivesse traindo o marido e ele pudesse ver. George a traz de volta para a vida e diminui sua solidão.

O trabalho resgata também o filho Tim, que se sente importante como o homem da casa, mandando todo o seu pagamento para a mãe. Também está tentando uma vaga na faculdade, e ser aceito pode significar ir embora daquele lugar que o machuca tanto.

Um galho da árvore quebra e cai no quarto,

na cama de Down. Simone diz que foi de propósito e quer saber o que a mãe fez para a árvore (o pai) se revoltar, desconfiada do namoro da mãe. Down se enrosca nos galhos e dorme com a árvore, como se dormisse com o marido.

Quando retiram o galho e o cortam, todos se aproximam dele: Simone coloca a seiva em seu machucado (o pai cuida dela), e Lou recolhe cascas e o pó do galho para jogar na árvore mais tarde (ele cuida do pai). É uma forma de se envolverem e de se sentirem com o pai.

Uma cena tocante e delicada é sobre a dificuldade de se desfazer das coisas de pessoas amadas que morreram. A mãe de Downnie procura ficar ao lado dela para ajudá-la e, a cada peça de roupa que pega, lembra-se de um acontecimento, chora e ri. As coisas das pessoas que morrem pertencem à pessoa mais próxima delas (cônjuge, filho, pais etc.) e são elas que decidem o que fazer, mas no seu tempo e não no tempo que os outros acreditam ser o correto. As pessoas precisam estar prontas para deixar ir, e cada um tem seu próprio tempo. É importante respeitar e esperar até que seja possível se desfazer dos pertences.

Simone também não aceita o namoro da mãe, pois acredita que o pai está sendo substituído e esquecido. A mãe a procura e tenta explicar que Petter faz parte da família, está nela e nos filhos e que mesmo que ela se case de novo, não há como esquecê-lo.

Quando voltam para casa, depois de férias na praia, percebem que as raízes da árvore cresceram muito, invadiram a caixa d'água, a escada e outras partes da casa, exatamente como a morte invadiu a vida deles e ainda os sufoca. Os vizinhos reclamam e, como acontece com famílias em que morre o homem, querem decidir pela mulher, invadem sua casa e a vida de quem lá mora.

A necessidade de cortar a árvore fica evidente, mas Simone não aceita e todos sofrem, pois, nesse caso, o pai realmente morrerá. Downnie sabe que não pode mais adiar e marca com George para que a árvore seja cortada, quem sabe a dor também.

A árvore invade a casa como a dor os invadiu; as raízes entopem encanamentos e ameaçam a estrutura da casa, como a dor os entupiu e atrapalhou seu relacionamento; é preciso cortar a árvore, assim como é preciso aceitar a morte e

enfrentar a dor, mas eles ainda não estão prontos.

Quando a equipe chega, todos se sentam na escada para assistir, mas Simone se recusa a sair da árvore e sobe cada vez mais, colocando-se em risco e agredindo os homens. Toda sua raiva vem à tona e ela ameaça se jogar. A mãe se assusta, George a enfrenta e toda a família se revolta. Down, nervosa, dispensa todos e rompe com George. Assim conservaram o pai com eles por mais um tempo. Negação, raiva e barganha se misturam.

Um ciclone se aproxima, e a mãe nega o perigo, preferindo fazer um pão. A dor é maior que o perigo, e ficar na casa junto do pai mantém a sensação de que a família está completa, unida e protegida. Lou, em seu silêncio, faz os preparativos para a família enfrentar o ciclone e, quando ele chega junto com Tim, leva todos para a lavanderia, em baixo da casa.

Somente nesse momento de perigo para todos é que Simone se dá conta da realidade, corre para a árvore, lá chora copiosamente e se despede do pai, carregando com ela o relógio como lembrança. Só depois desse momento de enfrentamento da morte é que pode juntar-se novamente à mãe e aos irmãos e fazer parte da família novamente.

No momento máximo da passagem do ciclone, a camisa do pai se agarra em uma das colunas da casa como quem luta para não ir embora, mostrando o sofrimento da família em enfrentar a morte. Finalmente a camisa se solta e se vai com o vento, como se naquele momento mãe e filhos, com muita dificuldade, soltassem o pai e permitissem que ele se fosse. Finalmente entendem que agora são só eles. O pai não está mais e não vai voltar!

Quando o ciclone passa, todos se aproximam da árvore, que foi arrancada do chão com as raízes... Está morta como Petter. A casa está destruída, mas o que marca é a árvore. Charlie volta a falar e junto com Simone e Lou pegam minhocas na raiz da árvore, uma demonstração simbólica de que a morte arranca e destrói nossas estruturas e gera uma nova vida. Tim ajuda a mãe a colocar as coisas no carro para ir para outro lugar, também demonstrando que a vida continua de outra maneira.

Antes de ir embora, plantam uma nova

muda de árvore, deixando claro que estão recomeçando naquele momento. A vida anterior morreu e outra se inicia.

Com todos no carro, saem em busca de um novo lugar para morar, até que possam retornar para casa. No caminho, Down encontra George e se despedem carinhosamente, demonstrando a importância que um teve para o outro. George ajudou Down a se fortalecer para tomar decisões e “retomar a rédea” da família.

O filme mostra o processo de luto de forma real e também por inúmeras metáforas. A morte é como um furacão que passa pela vida das pessoas e a devasta.

A passagem de um furacão pode destruir casas e impossibilitar a vida nela; exige reconstrução, reparos, reformulações e mudanças. Se a árvore perde a raiz, ela morre e é preciso plantar outra. A morte de uma pessoa querida desestabiliza, quem perde se sente destruído e sem condições de continuar a vida (como uma árvore arrancada com a raiz). Impossível continuar do mesmo modo, há que se reconstruir, reformar, mudar e transformar o modo de vida. É um período de aprendizado. É preciso aprender a viver sem a pessoa que morreu, mas até lá há um tempo em que o hábito prevalece, e aqueles que iniciam o processo de luto ainda continuam a viver em um mundo conhecido que não existe mais.

Para sentir que mantém o equilíbrio, sentir-se seguro, ter forças para enfrentar as mudanças exigidas pela morte, além da força do hábito, há uma tentativa de manter a pessoa querida viva, procura-se por ela em todos os lugares e por um período ainda se conversa com ela.

Também é normal sentir raiva ao ver famílias

completas e se perguntar “por que tinha que ser comigo?”. Logo após a morte, parece impossível continuar a vida sem aquela pessoa e é normal chorar, querer ficar só, não querer sair da cama, perder o apetite – sintomas muitas vezes confundidos com depressão, mas que são sinais de tristeza.

Tristeza é diferente de depressão. Tristeza é um sentimento que, assim como a alegria, precisa, pode e deve ser expressa, manifesta; quem está triste só precisa de amigos e familiares dispostos a ouvir e apoiar. Depressão é doença, precisa de tratamento psiquiátrico e psicológico, além do apoio de amigos e familiares.

Sabe-se que o processo de luto chegou ao fim quando a pessoa finalmente consegue fazer planos para sua vida sem a pessoa que morreu. Aprende-se a viver de outra maneira e isso não significa eliminar a dor ou esquecer completamente. Também não há um tempo definido para isso. Cada um tem seu próprio tempo interno de recuperação da perda, que depende do vínculo que se tinha com a pessoa que morreu, com grau de dependência, vulnerabilidade pessoal do enlutado, eventos e circunstâncias da morte, apoio social e outras circunstâncias após a morte.

Em “A Árvore”, depois do furacão da morte, a família emergiu com alguns ferimentos ainda aberto e outros se fechando, mas já com cicatrizes e mais fortalecidos, com planos só para eles, sem o pai.

No início do filme, Down dormia e descansava enquanto os filhos cuidavam dela. No final, Down dirige o carro enquanto os filhos dormem. Agora eles podem descansar, pois ela já consegue cuidar da própria família.